

180

UM DOIS TRÊS DE OLIVEIRA QUATRO

COMÉDIA

ATO

ÚNICO

LAFAYETE GALVÃO

TEATRO DE ARENA DE PÔRTO ALEGRE



IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

COM CORTES

APARTAMENTO CONJUGADO POR MOBILIAR. O PANO ABRE E A CENA ESTÁ À MEIA LUZ. ZÉ DA SILVA DORME. CAMPAINHA TOCA. ZÉ SE LEVANTA E ABRE UMA JANELA. A CENA FICA MAIS CLARA. CAMPAINHA INSISTE. ZÉ DA SILVA ABRE A PORTA. HOMEM ENTRA E VAI DIRETO A UMA MESINHA. SENTA-SE. ABRE UMA PASTA, TIRA UM BLOCO DE ANOTAÇÕES, LAPIS, ETC. SOB O OLHAR BESTIFICADO DE ZÉ DA SILVA.

HOMEM - Seu nome?

ZÉ - Zé da Silva.

HOMEM - Idade?

ZÉ - 32.

HOMEM - Nacionalidade?

ZÉ - Brasileiro.

HOMEM - Casado?

ZÉ - Solteiro.

HOMEM - Nome do pai?

ZÉ - Zé da Silva.

HOMEM - Mãe?

ZÉ - Maria da Silva.

HOMEM - Estou fazendo o levantamento dos vagabundos, dos desempregados, dos sem profissão ou ocupação. (PAUSA) Você mora neste apartamento?

ZÉ - Moro. Quando eu cheguei aqui, trouxe uma grana comigo. Dinheiro que eu economizei no interior, sabe? Meu pai era sapateiro e minha mãe tinha uma pensão. Aí meu pai descobriu que se êle largasse de bater sola e ajudasse minha mãe na pensão o negócio podia ir pra frente. E tudo prosperou. Nós tudo ajudando os véio. Aí a véia morreu. Cada um pegou o que era seu e se mandou. Eu vim pra cá. Trouxe um dinheiro comigo. Pra alugar este apartamento tive que pagar três mês adiantado. O resto do dinheiro eu ia pôr num banco... mas aí eu meti com uma cambada de filho da puta, me limparam. Não fiquei sem nada porque tinha um resto de dinheiro guardado aqui em casa. Quando um dia eu ia chegando em casa encontrei na porta um deles... um dos parceiro do jôgo. Me disse que eu podia ir à forra. Eu acreditei nêle e me danei. Me levaram o resto do dinheiro. Fiquei têso.

HOMEM - Que jeito êle era?

ZÉ - Quem?

HOMEM - O cara que veio aqui? (PAUSA) Alto, gordo, baixo...

ZÉ - Ah, era prêto...

HOMEM - Por que que tudo que acontece de errado vocês culpam os pretos?

ZÉ - Ora bolas, o senhor me perguntou e eu respondi: era um crioulo.

HOMEM - O racismo é proibido...

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

COM CORTES

Yairo Andrade
P. Alegre, 22 de dezembro de 1970
P. Judo



(AQUI TEM UMA PAUSA IMENSA. OS DOIS ESTÁTICOS OLHANDO UM PARA O OUTRO. DEPOIS DE MUITO TEMPO COMEÇAM A GRITAR JUNTOS)

ZÉ - Aqui tem racismo, sim senhor. Até em campo de futebol eles barram crioulo dizendo que negro quando não caga na entrada, caga na saída.

HOMEM - Prêtos, brancos, amarelos, andam no mesmo ônibus. Passam na mesma calçada. As raças se misturam nos lugares mais diversos. (PAUSA. RECOMEÇA O DIÁLOGO) Até na zona, vems prêtas praticando o amor com brancos.

ZÉ - (PAUSA) No clube da minha terra prêto não entra.

HOMEM - (PAUSA) Mas são clubes só de brancos.

ZÉ - (PAUSA) Aqui também, em tudo que é clube granfino prêto não entra.

HOMEM - (PAUSA) Mas são clubes só de brancos. Clube de branco é clube de branco e clube de prêto é clube de prêto. Na tua terra não tem um clube só de prêtos?

ZÉ - Tem. O panela de pressão. É um clube bacana às pampas. Quando a gente chega da rua e entra... leva aquêlo cacête pelo meio da cara. Por isso que chama panela de pressão. Lá entra branco também.

HOMEM - Então? Onde está o racismo?

ZÉ - E no clube de branco também entra prêto.

HOMEM - Ah, ah!

ZÉ - Quando é tenente de regimento. Não sendo só entra lá pra encerar o chão e desentupir o mictório. (TOCA O FONE)

HOMEM - Eu atendo. Alô? Sim. (CONFERE O NÚMERO DO APARELHO NO DISCO) Sim é este o número. Um momento. (TOM) Não é pra mim. É pra você. Uma voz de mulher perguntando por um tal de Sininho.

ZÉ - Não sou eu, não. Eu não me chamo Sininho. E nem conheço mulher nenhuma aqui.

HOMEM - (DESLIGA O TELEFONE) Como? Se a mulher disse exatamente o número do seu telefone. Eu atendo. Evidentemente que eu não moro aqui, não sou eu. Se o telefone toca numa casa onde eu não moro, nunca, jamais, será para mim.

ZÉ - (MEIO SEM ENTENDER NADA) Claro, claro.

HOMEM - E se o telefone toca na casa onde você mora, é mais do que claro que o chamado é pra você. Não houve engano nenhum. De quem é este telefone?

ZÉ - Quando eu aluguei o apartamento ele já estava aí. É do cara que morava aqui antes de mim.

HOMEM - Quem é Sininho?

ZÉ - Não sei.

HOMEM - O que é um homossexual?

ZÉ - Ahn?

HOMEM - Um homossexual? ^Um ho-mo-sse-xu-al?



- ZÉ - Ah, um três veis oito?
- HOMEM - Não seja vulgar. Você não está em condições de brincar com ninguém, muito menos comigo que sou todo poderoso. De mim depende que você tenha uma ficha limpa.
- ZÉ - E que que eu tenho que fazer?
- HOMEM - Bom, existem uns homossexuais, eles têm influência, sabe? Muita influência. Eu conheço um... poderia te apresentar a êle.
- ZÉ - E daí?
- HOMEM - Daí? Você teria uma ficha limpa.
- ZÉ - E se eu não quiser?
- HOMEM - (DESMUNHECANDO UM POUCO) Claro que ninguém vai saber de nada. Pode ser uma pessoa discreta, você arruma a sua vidinha e a pessoa fica feliz. Você não gosta de fazer a felicidade alheia? Você terá tudo o que quiser, nem precisará lavar pratos na pensão da tua mãe.
- ZÉ - (ANIMADÍSSIMO) É. É. Eu confundo Tabatinguera com Avanhandava.
- HOMEM M - (MAIS ANIMADO) Você alé de fazer uma pessoa feliz, arruma a sua vidinha. (SORENE) Faça um veado sorrir.
- ZÉ - Eu confundo...
- HOMEM - Não confunda. Veja tudo com a devida clareza. Você está numa cidade grande, dependendo de mim, e eu quero um favorzinho teu. Se você compreendesse tudo que é bom e precisa acontecer em nossas vidas. (JÁ ESTÁ DESMUNHECANDO MAIS) Eu quero e posso... eu quero e posso... diga sempre assim que você vai vencer.
- ZÉ - Isto é pecado!!!
- HOMEM - Como pecado? Pecado é aquilo que fazemos contra nossa vontade. Ai sim é pecado. Mas tudo aquilo que nos dá prazer? Que fazemos do fundo do coração?
- ZÉ - Eu nunca fiz isto em tôda minha vida.
- HOMEM - Em tôda a sua vida você viveu alheio a realidade das coisas.
- ZÉ - Isto não é normal... não é certo...
- HOMEM - ~~A sabedoria popular diz que se o normal fôsse homem com mulher e negócio de homem teria o formato de um peixe.~~
- ZÉ - (QUASE HISTÉRICO) Peixe?
- HOMEM - Sim, venha cá, meu peixinho, venha com a mamãe... eu sou a baleia. (SAI DANHANDO E IMITANDO UMA BALEIA JOGANDO AQUELE ES GUICHO PARA CIMA) Xi, xi, xi....
- ZÉ - (CAINDO NO CHÃO) Quando eu era pequeno minha mãe me punha no piniquinho e fazia xiiii, xiiii pra me ajudar a fazer xixi. Hoje quando eu guço alguém fazer xii na minha frente eu quase mijo nas calças. (E FICA BERRANDO HISTÉRICO)
- HOMEM - Ponto... ponto... ponto... mamãe desliga o chuveiro. Ponto. (PAUSA) Vem... (PAUSA) vem (PAUSA) mamã na mamãe... mamã pra ganhar tem-tem.
- ZÉ - (DÁ UM BERRO) Nãããããã!!! (PAUSA ENORME. HOMEM S E PRECOMPÕE)
- HOMEM - (ES CREVE NA FICHA) Não tem profissão.

- ZÉ - Eu tenho profissão. Não sou vagabundo.
- HOMEM - Carteira profissional?
- ZÉ - Eu sou datilógrafo.
- HOMEM - Correspondente?(PAUSA E PONTIFICA) Correspondente subentende-se que no campo da correspondência não há mistérios pra você.(PAUSA) Você me garantiu que era correspondente.
- ZÉ - Eu não.
- HOMEM - Não minta. Você disse. (PAUSA) Se lhe cair nas mãos uma carta em francês? (PAUSA) Em inglês? (PAUSA) Conjugue o indicativo presente do verbo To be.
- ZÉ - (NÃO ESTÁ ENTENDENDO MAIS NADA) Bom... eu não sei... não tenho muita instrução...
- HOMEM - E como é que se diz datilógrafo? E sobretudo correspondente?
- ZÉ - Eu disse que era datilógrafo. Da-ti-ló-gra-fo. Não disse que era correspondente... eu quero mais tarde... quem sabe... eu... vou... não... (PAUSA E DEPOIS FALA DE UM SÓCO) Pra tirar carteira profissional eu tenho que ter retrato, e pra tirar o retrato eu tenho que ter dinheiro. A porcaria é que eu ainda não tive dinheiro pra tirar retrato.
- HOMEM - Simplificando. Não tem carteira profissional, não tem profissão não tem habilidade pra nada. Se tivesse já estaria empregado. Teria pelo menos uma carteira profissional. Você é aquilo que qualificamos em uma só palavra: você é uma merda. (ESCREVE NA FICHA E DEPOIS FALA EM VOZ ALTA) É uma merda.
- ZÉ - Eu não conheço o senhor, nunca vi mais gordo. O senhor não pode falar assim comigo.
- HOMEM - Eu sou um inspetor da sociedade, e uma mentira minha, vale mais que cem verdades suas.
- ZÉ - Sabe que em Niterói tem um terreno que a Prefeitura está aterrando com lixo. Sabe que no meio dêsse lixo, todos os dias, têm várias crianças e velhinhas disputando com os urubús, resto de comida que tem no meio de todo aquele lixo? Tem uns mais espertos que chegam a tirar a carniça do bico dos urubús. Os urubús não se assustam com eles porque já estão acostumados com a cara deles lá, todos os dias. Eu vi isso. Eu vi, ninguém me contou não.
- HOMEM - Não é comida que eles disputam com os urubús. Aquilo é lixo aproveitável. O estado sempre pretendeu industrializar o lixo e não consegue porque essa gente chega na frente do governo e rouba o lixo aproveitável. Estão dando um prejuízo enorme ao estado roubando tudo o que há de aproveitável no lixo.
- ZÉ - Que lixo aproveitável?
- HOMEM - Claro. Pedacos de vidro, latas, etc...
- ZÉ - É resto de comida, gruta póbre que eles disputam com os urubús. urubú não come lata nem vidro, urubú não é faquir! É gente que está morrendo de fome. Gente pobre.
- (AQUI ENTRA UMA MULHER E FICA PARADA MISTERIOSA. OS DOIS NÃO TOMAM CONHECIMENTO DELA)
- HOMEM - Pobre porque quer, meu filho. Você já viu médico pobre? Engenheiro pobre? Todos tem sua casa, seu carro, dinheiro no banco.



É só meter a cara, estudar e se formar, que não precisa catar resto de lixo lá em Niterói. É pobre que não tem força de vontade. Não estuda. Só isso. E depois, meu filho, quem não tem pão, come brioques. (DESMUNHECADÍSSIMO) Maria Antonieta. (TELEFONE TOCA, HOMEM CORRE, TIRA O FONE DO GANCHO E FALA AOS BERRROS NO PRÓPRIO TELEFONE, SEM DESMUNHECAR) Um telefone perdido num apartamento vagabundo, quando podia perfeitamente estar na recepção de um hospital. Numa delegacia de polícia. Sabem quantos ladrões deixam de ser prêsos porque não tem telefone em número suficiente nas delegacias para que se façam os chamados? Sabem quantas criancinhas morrem por dia porque os telefones dos hospitais são poucos para receber chamados? Você é um inconsequente. Um irresponsável. Tem um telefone em casa enquanto criancinhas morrem, ladrões assaltam, por falta de um telefone nas repartições. Se esta terra não fôsse subdesenvolvida você iria para a força, cadeira elétrica, câmara de gás, pelo fato de ser um inconsequente, um merda que retém um telefone em casa. Até amanhã. Amanhã eu voltarei para um novo interrogatório. Até amanhã, seu merda. (SAI)

(A MULHER CAMINHA PARA O ZÉ, SOLENE, COM UM EMBRULHO NA MÃO. ENTREGA PARA ELE. ZÉ RECEBE O EMBRULHO SEM DIZER UMA PALAVRA. OLHA LONGAMENTE PARA ELA. FICAM OLHANDO UM PARA O OUTRO. ELE PEGA O PACOTE E GUARDA EM QUALQUER LUGAR, QUANDO ELE ACABA DE GUARDAR, O HOMEM ABRE A PORTA DA RUA E FALA DE LÁ MESMO)

HOMEM - Eu estive pensando. Vou te dar uma oportunidade. Vou te arranjar um emprêgo. Um emprêgo que não precisa de qualquer documento. Muito menos carteira profissional. Um emprêgo de merda.

ZÉ - Muito obrigado.

HOMEM - Um trabalho simples.

ZÉ - Muito obrigado.

HOMEM - Você vai ser tradutor de alemão. (SAI)

(ZÉ FICA COM CARA DE QUEM NÃO ENTENDEU NADA. MULHER SE APROXIMA)

MULHER - Você é genial! Você é genial! A cancha com que você levou o cateca na conversa... só você conseguiria.

ZÉ - Não estou entendendo nada.

MULHER - Há quanto tempo ele estava aqui?

ZÉ - Ah, aquêle cara?

MULHER - É.

ZÉ - Não sei. Chegou aqui. Entrou, começou a me fazer perguntas, me falou uma porrada de desafôre! Um emprêgo de merda... Eu nunca vi êsse cara na minha vida.

MULHER - Um catequista. Um cateca. Tá na cara. Um dia dêesses foi um lá em casa e também veio com êsse blá, blá, blá, pra cima de mim, quase que eu entro numa fria. Você levou o cateca na conversa e de mansinho arrumou um emprêgo. Tu não vai te meter nessa onda de tradutor, vai? Isso é serviço pra bôlha.

ZÉ - Por que não posso ser tradutor de alemão?



- MULHER - Porque não pode.
- ZÉ - Mas por que?
- MULHER - Porque não pode.
- ZÉ - Mas tem que ter uma razão. A gente quando diz que uma pessoa não pode fazer uma coisa, sempre dá uma razão. "Não pode por isso ou por aquilo."
- MULHER - Mas você não pode.
- ZÉ - (GRITA COMO SE ESTIVESSE FALANDO COM UM SURDO) Mas por que?
- MULHER - (MESMO TOM DELE) Você não fala alemão.
- ZÉ - E precisa falar alemão para ser tradutor, sua vaca? Precisa?
- MULHER - Claro que precisa.
- ZÉ - Eu vou traduzir. Ou você tá pensando que eu vou pro cais do porto bater boca com os gringos que chega nesses navios apinhado. Nada disso. Vou ficar em casa. Aí o moço da sociedade que vai me ajudar trás o serviço aqui em casa "por escrito" eu leio lá, procuro as palavras no dicionário e vou escrevendo tudo na frente. Isso é que é traduzir. Falar eu não posso mesmo, mas traduzir? Pô... É mole. Só comprar um dicionário e pronto.
- MULHER - E se tiver dialeto?
- ZÉ - Na Alemanha é tudo protestante. Lá não tem esse negócio de dia santo, dia leto, dia de domingo. (PAUSA) Que que tem dia santo com tradução?
- MULHER - Tem uái.
- ZÉ - Tem é que ter um dicionário, isso sim.
- MULHER - (PAUSA ENORME) Ah, sabe que que você pode fazer? Comprar um desses calendário, essas folhinhas católicas, lá tem tudo que é dia santo, dialeto e você não vai ter problema.
- ZÉ - (BERRA) Eu já falei. Na Alemanha é tudo protestante. Que que adianta folhinha católica, não vai trazer dia santo protestante. Você tem a mania de complicar tudo. Só o dicionário resolve tudo. Eu posso traduzir e ganhar a minha vida em paz. Um bom dicionário. De capa dura. (PONTIFICA) Nos livros de capa dura, estão as grandes verdades. (PAUSINHA) E tem mais uma coisa. Qualquer língua que vier, eu traduzo. (PAUSINHA) Desde que tenha um bom dicionário.
- MULHER - De capa dura.
- ZÉ - Um bom dicionário. Mais nada. (PAUSA) Quem é o catequista?
- MULHER - Esse cara que saiu daqui. O Zôlha que vai te ajudar. É catequista.
- ZÉ - Espera aí. Você não veio com ele?
- MULHER - Quem é você, então?
- MULHER - Deixe de frescura, Sininho. Então você não está me reconhecendo?
- ZÉ - Pombas, eu não sou Sininho! (PAUSA IMENSA)
- MULHER - Vamos deixar de blá, blá blá e partir prum papo mais firme. Vê lá a encomenda que eu te trouxe que eu quero me mandar.



- ZÉ - Que encomenda?
- MULHER - Não te faz de bêsta não, Sininho. Quando eu cheguei aqui te entreguei um pacote com quilo e meio de pó.
- ZÉ - Que história é esta de pó? O que que é pó?
- MULHER - Então tu não sabe o que é pó? Não te faz de bêsta não. Então eu não te entreguei um pacote quando eu cheguei e você botou em cima daquela mesa? Não te faz de bêsta não. Que você me experimente vá lá, mas me passe pra trás, você não vai. Nem você e nem ninguém, tá?
- ZÉ - Não estou entendendo mais nada.
- MULHER - Sininho...
- ZÉ - Eu não sou Sininho.
- MULHER - Tá. (CONFIDENCIAL) O Zé Macaco. (PAUSA) Lá das bôcas. (PAUSA) Me mandou trazer aquêle pacote procê. É uma carga de quilo e meio de Maria. Uma nota! Sabe como é? Eu ando de saco cheio de viver de pissirico. Batí uma caixa com o Zé Macaco, queria que êle me arranjasse uma bôca. O Zé é um cara legal. Tá morando na minha? (PAUSA) Me deram o serviço que era fôgo chegar perto de ti e que depois de chegar, te fazer abrir o bico, ia ser pior ainda. Vamo lá, Sininho, seja bacana comigo, te abre.
- ZÉ - Arranja um emprêgo numa fábrica. Vai ser doméstica.
- MULHER - Ter de cosinhar, lavar roupa e tudo?
- ZÉ - É.
- MULHER - Prefiro dá.
- ZÉ - Eu não posso fazer nada.
- MULHER - Se quiser pode. É só querer. O Zé disse que se tu achasse que eu era de confiança, tava arranjada. Qu'eu podia até fazer a entrega do pó na casa dos granfino pra quem tu fornece. (PAUSA ENORME) É claro que de cara você não ia se abrir comigo. Só se você fôsse otário. Vai se abrindo com qualquer um que bate aqui, vem um tira na surdina, tu dá com a língua nos dente, vai ver o sol nascer quadrado com uma mandioca desse tamanho enfiada no fiandê. Mas comigo é diferente. Se eu não fôsse legalzinha o Zé que é vivo pacas, não ia me dá um quilo e meio de Maria pra mim ficá carregando pra baixo e pra cima, podendo vender tudo aqui, lo, me mandá com a grana e te largá aqui no ora veja. Eu fui legal. Que que há? Tu não vai me aprontá esta, vai?
- ZÉ - Eu não sei do que você está falando.
- MULHER - Agora tu não sabe. O pó tá aqui. Guardadinho da Silva, vive de qualquer perigo. Você devia se fazer de bêsta quando eu tava andando com esta porcaria, pra baixo e pra cima, correndo o risco dos tira me botá a mão em cima, e aí quem ia em cana era eu e ocê ficava aqui no bem bom. Fico eu feito bêsta carregando esta bosta sem ganhar nada e na hora docê me dar uma colher de chá, fica aí com esta cara de bunda arrependida, só pra não passar o recibo no favor que eu te fiz. Ocê é muito vivo! Na hora que eu te entreguei o pacote, recebeu êle e não disse nada, agora tá se fazendo de miguê. Não preciso desta porcaria. Sempre vivi sem isso e posso continuar vivendo. (JOGA O PACOTE NOS PÉS DÊLE. O PACOTE DEVE CAIR NO CHÃO E EXPLODIR QUANDO CAIR)



- ZÉ - (COM TÔDA A DIGNIDADE) Minha senhora. Meu nome é Zé da Silva. Não sei inglês, nem francês e se eu não estivesse num país subdesenvolvido, ia morrer na fôrça porque tenho um telefone em casa e sou um merda. Mas nunca fui bandido nem traficante de coisa nenhuma. Tenha a bondade de pegar o seu pacote e sair da minha casa.
- MULHER - Eu... mas...
- ZÉ - (CONTENDO-SE) Saia.
- MULHER - Siminho!
- ZÉ - (BERRA) Saia! (MULHER VAI SAINDO SEM O PACOTE) MÔça! (MULHER PARA NA PORTA) Leve o seu pacote. (ZÉ SENTA ARRAZADO COM A CABEÇA ENTRE AS MÃOS. PAUSA ENORME)
- MULHER - Olha, eu não sou papo furado e vou te dar uma prova.
- ZÉ - (SEM TIRAR A CABEÇA DAS MÃOS) Já catou tudo?
- MULHER - Vou te prová.
- ZÉ - Se já catou, some da minha frente. (PAUSA ENORME)
- MULHER - Tá certo. Tá certo. Não passei no exame. Ocê não foi com a minha cara ou então tá achando que eu não sirvo pra distribuir a Maria entre os granfino. Eu fui legal contigo. Vim até aqui e te trouxe direitinho todo o pó que me deram pra trazer. Não te saca niei. Podeia tê dado o tomê e ocê ia ficá aí falando sozinho. Deixa pra lá. Eu sempre te achei um cara bacana pacas. Tu num é um bandido metido a gente que tem mania de mocinho de cinema no fim da fita. Com dois tiro manda tudo que é tira pra cucurá. Vê o Mauro Guerra, Mineirinho, Cara de Gavalô, tudo sifu. Por que? Porque bota o carão lá pros jornal tirá retrato, sai na primeira página e todo mundo manja como é o carão do bicho. Fica mais conhecido que nota de conto. Êsses lóca dêsses bandido, mal dormido e mal comido, enche a caveira de maconha e qué enfrentá os tira que vem tudo dormido, comido e com a cuca fresca. Conclusão: Pá blufiti, sifu. Amanhece com a bôca cheia de formiga. Ocê não. Ocê tem a cuca fria, tem a cuca no lugar, sempre saiu de fininho e nunca ninguém manjou como é a tua cara. Ninguém vai conseguir te botar a mão em cima. Eu manjei como é a tua cara, mas não vou te caguetá. Sou tua amiga e vou te dar uma prova disto. Vou te dar um plá e tu vai vê a gelada que tu ia entrando se eu não te buzino. (ZÉ DÁ SINAL DE VIDA) Vou livrar a tua cara na hora "H". Vou salvar êste goal de cabeça. (PAUSA) Você não vai ser tradutor de alemão. Tu não vai entrá nessa onda. Vai te misturá com êsse alemão, e ficá o dia inteiro sentado nos bar na beira do cais do pôrto, tomando cerveja e falando aquela merda de língua que ninguém entende. Fica jogando buzo na praça. Os tira chega, te manja e fim. Isso é onda do cateca pra te fazê dé sôpa na praça. Ocê vai ficá aqui mesmo, na tua casa, perto dos teus amigo que sono nós. Pra que se metê com êsses alemão?

(CAMPAINHA TOCA. ZÉ VAI ABRIR A PORTA. HOMEM ESTÁ NA PORTA. É O MESMO ATOR DA CENA ANTERIOR SEM QUALQUER DISFARCE. PAUSINHA. HOMEM TINTIVO ATRÁS DA LAPELA IDENTIFICANDO-SE)

HOMEM - Posso entrar?

(ZÉ QUE ESTÁ MEIO ZONZO, FAZ SINAL PRA ELE ENTRAR. HOMEM ENTRA. SENTA. EXAMINA TÔDA A SALA. PAUSA ENORME)

HOMEM - Mora aqui?



- ZÉ - Vai começar tudo de novo. O senhor já esteve aqui e já sabe tudo a meu respeito.
- HOMEM - Não, meu caro. Eu nunca estive aqui.
- MULHER - O senhor tem que desculpar êle. Êle anda muito nervoso.
- HOMEM: - Eu gostaria de falar a sós com o cavalheiro.
- MULHER - Tá bem. (SAI)
- ZÉ - O sior já esteve aqui.
- HOMEM - (CORTA FIRME) Não meu caro, eu nunca estive aqui. Estou vindo estou vindo pela primeira vez e confesso que minha missão não é das mais agradáveis. (PAUSA) Estou vindo do necrotério, onde fui tentar identificar o cadáver de um homem que foi assassinado aqui na porta da sua casa. Foi conduzido em estado grave para o pronto socorro. Quis falar não pôde. Quis dizer as suas últimas palavras e não conseguiu. Só conseguiu tirar do bôlso esta fôlha e entregar para o guarda que o socorreu. (LÊ A FICHA) Zé da Silva, 32 anos... etc... etc... e aqui nas observações êle chegou à conclusão que você é tradutor de alemão, um desocupado e um merda.
- ZÉ - Merda é êle. Êle sim. Puta três vêzes oito que ficou ali me cantando quase me agarra a fôrça, aqui dentro. Tive que levá um papo pra convencê êle que tromba de elefante não é conta-gôtas. E ainda levo esse merda aí na ficha. Eu tô quieto aqui na minha casa, me entra um viado porta a dentro, mas sei quem é, nunca ví mais gordo, me fala uma porrada de desafôro, tenta me passá na cara e dá por escrito que eu sou um merda. Já morreu tarde... tomara que seja verdade que espírito não tem sexo que êle vai passar a eternidade inteira com a pitanga em chamas.
- HOMEM - Calma, filho, calma. Eu quero que você entenda a minha situação. Houve um crime, eu vou ter que descobrir o criminoso. A primeira pista que aparece é a tua ficha. O homem na hora da morte apontou para a tua ficha. A palavra de um moribundo vale mais que tudo no mundo.
- ZÉ - Eu não matei ninguém.
- HOMEM - Isso, eu não sei. Você a partir de agora está prêso em sua casa. Depois que ficar provado o seu crime, será conduzido para a prisão.
- ZÉ - Eu não matei ninguém.
- HOMEM - Até segunda ordem prevalece a palavra do morto. O senhor está prêso por suspeita de assassinato. Não porque êle escreveu aqui na sua ficha que você é um merda. Nada disso. Merda é êle que veio em sua casa lhe ofender. E digo mais. Se o senhor teve a vergonha na cara para matar o homem que p ofendeu, não pode nunca ser um merda. Seria se não matasse o homem que o ofendeu. São duas conclusões lógicas. 1ª) O senhor matou o homem que o ofendeu; não é um merda. 2ª) O senhor não matou o homem que o ofendeu; aí me desculpe, mas então é um merda. (TIRA DA PASTA DUAS FÔLHAS DE PAPEL) Eu redigi duas confissões. Estão a sua disposição e devem ser assinadas já.
- ZÉ - Eu não vou assinar nada.



- HOMEM - Você tem que tomar uma atitude. Você foi ofendido. Ofendido por escrito. O cara que o ofendeu morreu assassinado. Você terá que escolher entre ser um assassino porque se recusou a ser um merda, ou ser um merda porque se recusou a ser um assassino. Aqui estão as duas confissões já datilografadas. Pode escolher e assinar. O meu regime é democrático. (SOLENE) Você tem o poder de livre arbítrio.
- ZÉ - E se eu...
- HOMEM - Elimine a expressão "se". Nós que vivemos no crime, isto é, vo cês criminosos e nós recuperadores de vo cês, temos que ser incis iv os. Limite-se a assinar. (TORNA A APRESENTAR AS FÓLHAS)
- ZÉ - Posso falar um negócio?
- HOMEM - Desde uma vez que não seja para argumentar a respeito dessas confissões, pode. Aqui o senhor terá que ser incisivo. Uma das duas, não sendo a respeito disto, pode falar, pode cantar... dizer o que quiser.
- ZÉ - Bom, esteve aqui o tal inspetor... aquêlo moço.
- HOMEM - Quem?
- ZÉ - Aquêlo que escreveu esta ficha.
- HOMEM - Ah, o defunto. Pode chamá-lo de defunto. Aliás, não há mal nenhum em se chamar cadáver de defunto.
- ZÉ - Pois é, o defunto estêve aqui.
- HOMEM - Aliás defunto é uma palavra de raiz latina: defunctus.
- ZÉ - O defunctus esteve aqui.
- HOMEM - (CANTA COMO SE FOSSE CANTO GREGORIANO) Lá, lá, lá, lá, defunctorum, amém. Gosto muito de canto gregoriano.
- ZÉ - Eu... eu...
- HOMEM - Defunctus, defuncti, defunctum, defuncti, defunctorum, defunctus. Que memória, ei? Quantos anos eu não peço num livro de latim. Você sabe latim?
- ZÉ - Posso aprender.
- HOMEM - Bobagem. Língua morta. Mania de perder tempo. Pra que aprender latim, que é uma língua que não se fala mais? Você não acha que eu tenho uma boa memória?
- ZÉ - Muito boa.
- HOMEM - E a sua história?
- ZÉ - Eu pensei que o senhor não quisesse ouvir a minha história.
- HOMEM - Claro que eu quero ouvir. Pode começar. (E FICA SOLFEJANDO CANTO GREGORIANO DURANTE A FALA DO ZÉ)
- ZÉ - Eu expliquei para êle que eu não tinha carteira profissional porque não tinha dinheiro para tirar retrato, mas que assim que chegasse dinheiro eu ia tirar retrato pra poder começar a trabalhar.
- HOMEM - (CONCLUINDO) Defunctorum, amém.
- ZÉ - Aiêle escreveu essa bobajada na ficha e o resto o senhor já



- sabe.
- HOMEM - Sei.
- ZÉ - Mas essa mulher louca que esteve aqui, viu que eu não saí de casa da hora em que o cateca foi embora até a hora em que o senhor chegou.
- HOMEM - Ela é louca?
- ZÉ - Eu acho que é. Está falando uma porção de coisas que eu não entendo.
- HOMEM - Fica mal arrolar uma louca como testemunha. Ninguém vai acreditar nela.
- ZÉ - É a única testemunha que eu tenho.
- HOMEM - Não serve, pega mal pra você.
- ZÉ - Mas é a única que eu tenho.
- HOMEM - Não serve, louca.
- ZÉ - Como é que eu vou fazer?
- HOMEM - Assina aqui.
- ZÉ - Eu não vou assinar nada.
- HOMEM - Claro que vai.
- ZÉ - Eu não assino nada.
- HOMEM - Aja com honestidade. Se reconhece que é um merda, assine a confissão que não matou. Se reconhece que não reconhece que é um merda, então assine a confissão que matou. Já disse. Você é livre. Tem o poder do livre arbítrio. (PAUSA) Posso dar um consêlho? (PAUSA) Assine as duas. Agindo assim você transfere a responsabilidade para um júri. Se você não fôr um assassino e fôr condenado, vai para a cadeia com a consciência tranquila. Estará pagando por um crime que não cometeu. O júri será o grande responsável por esta injustiça. Esse sim. Você não. O júri vai ter a consciência pesada. Não vai ter paz para pegar um cineminha no fim de semana. Não vai ter tranquilidade para tomar seu uisquisinho no clube de campo. O júri não vai ter mais paz, enquanto que você, de noite, no aconchêgo de sua cela, vai botar a cabeça no travesseiro e dormir o sono dos inocentes, porque não condenou ninguém injustamente. Você será um inocente pagando por um crime que não cometeu. Quem vai ter pesadelo? O júri que condenou você. O júri que condenou você. E se você fôr um assassino e não fôr condenado, também não será culpa sua. Você assinou uma confissão. O júri decidiu ao contrário porque quis. Ninguém pode te taxar de injusto. Ninguém. Compreende a vantagem de assinar as duas?
- ZÉ - Eu não vou assinar nada.
- HOMEM - Se você não assinar o processo corre por sua conta a sua revesalia.
- ZÉ - Eu não assino nada. A mulher viu que eu não saí daqui.
- HOMEM - (EXALTADO) Se você mesmo disse que ela é louca. Como é que quer arrolar uma testemunha destas? Isto é até falta de consideração para com o júri. Arrolar uma louca. Que juízo você faz da nossa justiça? (PAUSA) Que que há? Em tudo é preciso ter um mínimo de dignidade.
- ZÉ - Eu não assino nada.



(HOMEM VÊ O PACOTE NO CHÃO, COM A "COCAÍNA" TÔDA ESPALHADA. VAI NA DIREÇÃO DO PACOTE. ZÉ TREME DE MÊDO)

ZÉ - Não é meu. É da mulher. Ela largou isto aí. Eu não tenho nada com isso. (HOMEM CHEGOU AO PACOTE. ABAIXA. PEGA UM POUCO DA WCO-CAÍNA". ESFREGA NA PALMA DA MÃO. EXAMINA CONTRA A LUZ; CHEIRA DE LONGE. ESFREGA NA PALMA DA MÃO UM POUCO MAIS. CHEIRA MAIS DE PERTO. OLHA PARA O ZÉ DA SILVA.) Eu juro por Deus. Juro por Deus. Por Deus do céu que eu não tenho nada com isso. Foi ela. Isso é dela.

(HOMEM CONTINUA SEU EXAME SINISTRO. PEGA UM POUCO MAIS DE PÓ E EXAMINA. TERMINOU O EXAME. FICA OLHANDO PARA O ZÉ, ENQUANTO TEM UMA PAUSA IRRITANTE. DEPOIS O HOMEM SE APROXIMA DO ZÉ, FALA FIRME MAS SEM ENGROSSAR)

HOMEM - Que que vocês iam fazer com isto? Responda, homem! Pra que isto

ZÉ - Eu não sei. Não sei. Foi ela quem trouxe esta cocaína pra cá.

HOMEM - (CALMISSIMO) Isto não é cocaína. É talco inodor. Eu quero saber onde está a verdadeira cocaína.

ZÉ - Não sei.

HOMEM - Como não sabe? Claro que sabe. Chega do interior e não tem um só documento. É duro e mora num apartamento particular. Prove que não é Sininho. Prove que não é um vagabundo. Prove que é datilógrafo. Conjugue o Indicativo presente do verbo To be. Carteira profissional? Você está seriamente envolvido no tráfico de entorpecentes e eu sou testemunha disso. Seja ou não Sininho está envolvido. Você está seriamente envolvido no assassinato do Inspetor, seja ou não um merda, você está envolvido. Se você assinar qualquer uma das duas confissões, eu irei ao júri como sua testemunha e direi que você nunca se meteu no tráfico de entorpecentes. Tem a minha palavra de honra...

ZÉ - Assino qual?

HOMEM - As duas.

ZÉ - (PAUSA) Sua palavra?

HOMEM - De honra. (ZÉ ASSINA TUDO E DEPOIS O HOMEM FALA) Agora muito juízo. Fique quieto aqui em sua casa. Não se esqueça de que você pode ser um merda. Não deve se mexer muito. Quietos em sua casa. (QUANDO O HOMEM VAI SAINDO CRUZA COM A MULHER QUE VAI CHEGANDO)

MULHER - Eu ouvi o papo d'ele. Estava ali atrás da porta. Ainda bem que este também não te obrigou a ser tradutor de alemão.

ZÉ - Vai embora. Vai embora. (FICA MURMURANDO ASSIM ENQUANTO HOUVER NECESSIDADE D'ESTE TIPO DE CLIMA. INCLUSIVE COMO FUNDO DURANTE A FALA DELA)

MULHER - Que papo mais furado! Que gente! Vou te contá! Eu juro que não sabia que aquele pacote não tinha cocaína. Te juro! Eu também fui no papo furado do Zé Macaco e agora tô com a cara no chão porque ocê tá pensando que o papo furado era eu. Que eu vim de grupo pra cima de você trazendo um pacote de talco e dizendo que era o pó. Você sabe que eu fui legalzinha. Se não fôsse deixava você quebrá a cara por aí de tanto falá alemão com os gringo, não é mesmo? Pelo amor de Deus não pensa que eu quis te passá pra trás. Pelo amor de Deus não pensa isso de mim. Foram eles, eles que te sacaniaram. Não fui eu. Eu juro.

(TELEFONE TOCA. ZÉ CORRE PARA ATENDER. QUANDO ÊLE TIRA O FONE DO GANCHO, OUVES E O RUÍDO DE OCUPADO. ZÉ DESLIGA E TENTA CHAMAR INTERURBANO).

- ZÉ - Alô, Interrurbano? Uma ligação para Minas Gerais. Falar com Zé da Silva. Interditado? Mas por que interditado? Tá bem. Quando desinterditado quer ligar? Obrigada. (ZÉ COMEÇA A ANDAR NERVOSO DE UM LADO PARA O OUTRO. FICA ASSIM ALGUM TEMPO. O TELEFONE TOCA, ZÉ CORRE PARA ATENDER. TIRA O FONE DO GANCHO) Alô? Interrurbano? Desinterditou? Pode completar a ligação. (PAUSINHA) Alô! Pai? (A MULHER DESLIGA O TELEFONE) Você desligou... na hora em que estava falando com meu pai??????????
- MULHER - Desliguei, e daí? (ZÉ VAI AMEAÇADOR PARA O LADO DELA. QUANDO VAI CHEGANDO PERTO DELA A CAMPAINHA TOCA. SUSPENSINHO. MULHER ABRE A PORTA. HOMEM ESTÁ LÁ)
- HOMEM - Boa noite. (TELEFONE TOCA. ZÉ CORRE E ATENDE. TELEFONE DÁ SINAL DE OCUPADO. HOMEM CONTINUA SEMPRE MUITO AMÁVEL) Telefone ocupado é sempre irritante, né? O senhor discou o número certo? Ache que estou falando com o merda Zé da Silva? Eu sou superintendente da sociedade. Aliás superintendente geral. (ZÉ CORRE PARA O TELEFONE E TENTA LIGAR MAS NÃO CONSEGUE) A senhora quer sair por favor. Eu gostaria de falar em particular aqui com o cavalheiro.
- MULHER - Não vou sair, não. Vocês estão a fim de obrigar êle a ser tradutor de alemão e eu vou ficar aqui para impedir isto.
- HOMEM - Eu não quero usar a minha autoridade. Quer sair por bem?
- MULHER - Não.
- HOMEM - Eu preciso falar com êle em particular.
- MULHER - Pra quê? Pra convencer êle de ser tradutor?
- HOMEM - Suma da minha frente.
- MULHER - Quando eu quiser. Quando eu tiver vontade. E agora eu não estou com vontade.
- HOMEM - Suma da minha frente.
- MULHER - Ah, coitado.
- HOMEM - Desculpe, seu José, mas eu não estou acostumado a conviver com gente desta espécie. É sua parenta?
- MULHER - Se você estivesse acostumado a conviver com gente da minha espécie... eu não seria uma vagabunda.
- HOMEM - Eu sou da sociedade, tenho a minha posição. Não estou habituado a... quando eu passo por uma pessoa como você eu viro a cara pra não ver.
- MULHER - Devia olhar. Você garante que não foi seu filho que me inaugurou? Que não foi o seu irmão? Você sabe quem é o responsável pela minha vida?
- HOMEM - E nem me interessa.
- MULHER - Gosado! Você é a primeira pessoa que eu conheço que não quer saber como que a puta virou puta. Todo o homem que eu conheço, a primeira coisa que quer saber é como é que eu fui pro belê. Aí a gente conta uma história capaz de amolecer uma pedra. Quanto mais terrível a história mais excitado o cara fica... Termina com o pai da gente botando a gente pra fora de casa. Aí o freguês feliz da vida, manda brasa. Usa a gente como se fôsse uma latrina. Vai lá, faz o que tem que fazer e sai correndo. Isso é amor? Ninguém consegue fazer o amor. S e dáda cara que pegasse uma puta,



não tratasse ela como puta, a zona teria menos gente. Se cada cara que fôsse com a gente, fizesse o amor de verdade, a gente teria vergonha de cobrar. Papo firme. Vem um sujeito, faz o negócio direitinho. Bonitinho. Bacaninha. A gente gama. Não dá pra mais ninguém, pensa até em sair de lá e viver só com êle. Aí o desgraçado descobre que a gente gamou... então a gente tem que dar o rabo na praça pra sustentar o filho de puta do putô... só porque a gente é puta. Ninguém faz o amor direito. (PAUSINHA) Você quer saber como é que eu caí na vida?

HOMEM - Não me interessa.

MULHER - É bacaninha.

HOMEM - Não quero saber de nada.

MULHER - Ah, é? Então eu vou contar. Eu morava com meu pai numa cidade grande, bacana! Uma cidade que diziam que não tinha nenhuma virgem. Não devia ter mesmo, porque quando o meu pai anunciou que eu era virgem e estava exposta para quem quisesse ver, formou fila na porta de minha casa. Ficou assim de gente querendo ver como é que era uma virgem. Até o padre foi ver. E o meu pai cobrava ingresso. O apelido dêle era gigoão de virgem. Ninguém acreditava que fôsse verdade. Todo mundo queria botar a mão pra ver. Aí então meu pai passou a cobrar o dôbro pra quem quisesse "tocar para crer" e foi tanta gente que tocou, foi tanta gente que pegou, foi tanta gente que apalpou que eu deixei de ser virgem. Deu um bode danado. Nós fomos tudo em cana porque estava ludibriando a opinião pública. (TOM) E, foi o jornal que disse. Olha só. (TIRA UM RECORTE DA BÓLSA, LÊ A MANCHETE) Passava por virgem. Iludia a opinião pública dizendo-se virgem. A polícia sempre vigilante, acabou com a festa, no momento em que o delegado fez o "toque" no local e verificou que de virgem ela não tinha nem a cara. (TOM) Não acreditou na minha história? Vou contar outra. O meu noivo...

HOMEM - Suma da minha frente.

MULHER - (QUE JÁ DEVE ESTAR PERTO DA JANELA OLHA PROLADO DE FORA E DIZ) Vê. Deus acordou de bom humor. Tomou banho na chuva e enchugou-se na cauda de um cometa. Antigamente êle comia omelete de estrêlas com fatias de sol. Mas a briga entre os homens que êle vê e não entende, provocou-lhe uma úlcera no estômago. Por isso, êle só tomou meia lua de café simples. Depois sentou-se ao pé da ladeira do infinito, pegou seu cachimbo, encheu de nuvens e de baforada em baforada cobriu todo o mundo de neblina. Recostou-se calmamente e começou a cachimabar e ficou feliz quando tudo se cobriu de neblina e nuvens.

ZÉ - Por que?

MULHER - Pros anjinhos não olharem cápra baixo e não verem tanta sacanagem. (SAI)

HOMEM - Ela é louca, é?

ZÉ - Acho que é, não sei.

HOMEM - Que merda, hein?

ZÉ - (PAUSA) É, eu confundo...

HOMEM - (PAUSA) Faz mal.

ZÉ - (PAUSA) Pois é...

HOMEM - (PAUSA) O senhor acha?



- ZÉ - (PAUSA) Sei lá.
- HOMEM - (PAUSA) Então deixa.
- ZÉ - (PAUSA) Tá.
- HOMEM - Não adianta ficar chocado porque eu disse merda. Eu sou um homem da sociedade. Todos com a mesma tranquilidade que dizem que merda é palavra, não se lembram que enfiar é a mesma coisa. O senhor sabe o que quer dizer enfiado?
- ZÉ - (COMO SE ESTIVESSE NUMA SABATINA DE ESCOLA) Cheio de feses. Cagado.
- HOMEM - Não seja grosseiro.
- ZÉ - Coitado, quer dizer cheio de coi... f...
- HOMEM - Todo mundo sabe que coitado quer dizer f...
- ZÉ - É mesmo e no entanto tudo o que acontece em qualquer lugar do mundo todo munda fala: coitado!
- HOMEM - Podiam dizer f...
- ZÉ - Claro que podia.
- HOMEM - Sabe?
- ZÉ - Sei.
- HOMEM - Sabe o quê?
- ZÉ - Não sei.
- HOMEM - Você não sabe nada.
- ZÉ - Eu sei. Eu sou datilógrafo. Aquêlê viado que esteve aqui disse que eu era um merda, mas eu não sou, sou datilógrafo.
- HOMEM - Que é viado?
- ZÉ - Aquêlê três veis oito que disse que eu era um merda.
- HOMEM - Não seja vulgar. Afinal um homossexual merece o seu respeito.
- ZÉ - Mas eu sei. Sei uma porção de coisas.
- HOMEM - Conjugue o Indicativo Presente do verbo To be.
- ZÉ - Isso eu não sei.
- HOMEM - Tá vendo? Então vamos a nossa aula de inglês.
- ZÉ - Inglês?
- HOMEM - Claro. Você não vai ser tradutor de alemão? Precisa saber inglês.
- ZÉ - Não era melhor português?
- HOMEM - Pra quê português? Não estamos em Portugal! Vamo lá. Que é Shell.
- ZÉ - Não sei.
- HOMEM - O que é Isso?
- ZÉ - Não sei.
- HOMEM: - Precisa saber. São conhecimentos necessários para a vida. Quem matou Kennedy?



ZÉ - Os judeus.

HOMEM - Quem matou Bob Kennedy?

ZÉ - Os negres.

HOMEM - Quem matou Luther King?

ZÉ - Eu não matei ninguém.

HOMEM - Esta assinatura é sua?

ZÉ - É

HOMEM - Então como é que você não pára de mentir e de dizer que não matou ninguém? Você confessou o seu crime por escrito. Está aqui. Limite-se a ser um assassino. Não queira ser também um mentiroso. Como é que você assina uma confissão e depois nega? Você vai ser processado por falso testemunho. Tentou burlar a justiça.

ZÉ - Eu não matei ninguém. Me deixa em paz. Se quiser inventar uma cadeira elétrica só pra mim, inventa, mas me deixa em paz pelo amor de Deus.

HOMEM - Por que esta agressão aos países desenvolvidos?

ZÉ - Eu não matei ninguém, estou sendo tomado por uma pessoa que não sou eu.

HOMEM - Meu filho!

ZÉ - Eu quero que me deixem em paz. A mulher que estava aqui viu que eu não tenho culpa do que aconteceu.

HOMEM - Mas afinal, o que foi que aconteceu?

ZÉ - Eu não tinha dinheiro pra tirar retrato e tirar carteira profissional. O inspetor me tomou por um vagabundo, mas se eu tirar a carteira profissional, poderei provar que sou datilógrafo.

HOMEM - O caso foi esse?

ZÉ - Foi.

HOMEM - Por que não falou antes?

ZÉ - Eu queria falar, mas ninguém me ouve!!!

HOMEM - Estou ouvindo.

ZÉ - Agora!!!

HOMEM - Quanto custa uma dúzia de retratos? Eu nunca tirei carteira profissional, não sei quanto custa o retrato.

ZÉ - Não sei, uns... dez cruzeiros novos.

HOMEM - Perfeitamente. Aqui você seus dez cruzeiros novos. Tire a sua carteira e todo mundo fica sossegado. (MULHER ENTRA CORRES E EMBRULHOS. ESBAFORIDAS)

MULHER - Óba, tudo bem? Que correria meu deus! Quando eu ia saindo, o porteiro do edifício me entregou uma cartado seu pai que era pra você. Eu abri, tinha dinheiro dentro. Ai eu aproveitei, fui no supermercado que tem aqui em baixo e comprei todo o seu enxoval. (TIRANDO OBJETOS DO PACOTE) Comprei sabonete, dentifrício, creme de barba e gilete. Comprei também uma loção dessas de usar depois da barba. Se ela falarem que você é bicha porque está perfumado, não dá bola. Essa gente tem uma bruta inveja. Depois, mesmo que não digam, todo o cara novo que chega lá, é bobagem porque eles comem mesmo. Logo se alguém falar alguma coisa, você erga a cabeça e use a sua loção. Você não tem culpa de eles te agarrarem a



fôrça. Ah, comprei também um dicionário, você pode querer traduzir alguma coisa lá... sabe... eles tem razão... você deve mesmo ser tradutor de alemão... só que não tinha dicionário de alemão, eu comprei um de português mesmo. Quer dar uma olhada nos jornais? A ordem é pegar você vivo ou morto. (OUTRO JORNAL) Polícia descobriu o esconderijo de Sininho e garante que de hoje ele não passa. (TELEFONE TOCA) Olha aí. O cara mais badalado é você. (LENDO) Sininho será caçado vivo ou morto. (OUTRO JORNAL) Sininho, perigoso bandido não passa de hoje. (TELEFONE TOCA. ELE CORRE E TIRA O FONE DO GANCHO MAS NÃO ATENDE) Não faça assim. Telefone é papo firme. Se alguém te der 100 trotes você tem que levar 100 trotes. Na última vez pode ser o teu pai. (ZÉ VAI DESLIGAR) Você garante que não é a tua ligação pra Minas que está pronta? (ZÉ VACILA. CHEGA A BOTAR O FONE NO OUVIDO. OUVI-SE O RUÍDO DE OCUPADO. ELE DESLIGA O TELEFONE QUE VOLTA A BATER SEM PARAR) É o toque de interurbano. Eu conheço. A campainha toca sem parar. (TELEFONE INSISTENTE) Quem sabe se não é o teu pai pra te avisar que vem mais dinheiro. Atende e diz pra ele: Manda mais dinheiro, com aquele eu comprei loção de barba, porque eu vou virar bicha. Manda mais dinheiro que eu quero comprar um marido.

- ZÉ - Sua... sua... (TELEFONE AGORA ESTÁ TOCANDO DESESPERADAMENTE)
- MULHER - Olha o teu pai no telefone. Atende lá antes que ele se arrependa. (ELE VAI ATENDER, QUANDO CHEGA PERTO DO APARELHO:) Também pode ser os tira tentando dar uma última confirmada se você mora aqui mesmo. (TELEFONE INSISTE. PAUSA ENORME. E O TELEFONE CONTINUA Mostra que tá é macho, atende este telefone. (ELE CORRE PARA ATENDER E O TELEFONE PARA DE TOCAR. MESMO ASSIM ELE ATENDE)
- ZÉ - ALÔ! ALÔ! (DESLIGA E O TELEFONE VOLTA A TOCAR. ELE ATENDE RAPIDÍSSIMO E O TELEFONE DA SINAL DE OCUPADO. ZÉ VAI ARRUMAR AS MALAS)
- MULHER - Pode ser que o teu pai tenha lido os jornais ou ouvido no rádio. O velhinho deve estar morto de desespero. (TOM) Onde é que você vai? Ou pensa que vai?
- ZÉ - Não é da sua conta.
- MULHER - Tu não vai te entregar, vai?
- ZÉ - Você não tem nada com a minha vida.
- MULHER - Tu não vai aprontar uma presepada dessas. Tu é um herói. Tem que morrer lutando. Enfrenta os tira.
- ZÉ - Eu não vou enfrentar ninguém, porque não tenho motivos pra enfrentar ninguém.
- MULHER - Que que tu vais fazer?
- ZÉ - Não tenho satisfação pra te dar.
- MULHER - Tá bem. Então sai narua. Tenta sair. Você não anda nem dez passos e vai em cana. Chega na janela. Acredita em mim ao menos uma vez. Chega na janela. (ELE VAI) Olha lá: 1, 2, 5, um batalhão de tira à tua espera. Tudo de mutuca em cima de você, só esperando você apontar na rua e plufiti. Era uma vez um bandido.
- ZÉ - (PARA O HOMEM QUE ATÉ AGORA ESTEVE QUIETO) O edifício está cado. Se eu sair na rua eles me pedem o documento e eu não tenho. Eles me prendem como vagabundo e vai começar tudo de novo.
- HOMEM - Que maçada! (PAUSA ENORME) Tive uma idéia!
- ZÉ - É?
- HOMEM - Tire a sua carteira profissional.



- ZÉ - Mas pra isso eu tenho que sair na rua.
- HOMEM - Claro.
- ZÉ - Se eu sair na rua a polícia me pega. Eu não tenho documento. Será que o senhor que foi tão camarada comigo...
- HOMEM - Infelizmente eu não sou chefe de polícia... não posso fazer nada pelo senhor.
- ZÉ - Se eu sair sem documento eu estou f... coitado.
- HOMEM - E se você tem uma namoradinha cheirosinha, bonitinha, frequente a casa dela, e um dia você entra num restaurante e descobre que o pai dela é garçon, você dobra ou corta a gorgeta?
- ZÉ - (QUASE CHORANDO) O senhor foi o único que me tratou como gente, me ajuda. Diz pra eles que eu não sou Sininho e quero tirar a minha carteira profissional.
- HOMEM + Dobra ou corta a gorgeta?
- ZÉ - Diz pra eles... (HOMEM SOBE EM QUALQUER LUGAR E FICA E FICA IMÓVEL COMO SE FOSSE UMA ESTÁTUA) Será que o senhor não podia falar com eles pra mim?
- MULHER - Se tu quiser eu tenho uma amiga que pode te esconder. Tu fica enrustida na casa dela e lá ninguém te acha.
- ZÉ - Eu não vou me esconder de ninguém porque não tenho motivos pra me esconder de ninguém.
- MULHER - Então prove que não matou o cateca. Prove que não é o Sininho. Carteira profissional.
- ZÉ - Eu tenho direito a um julgamento decente.
- MULHER - Eles têm provas contra você. E a única testemunha que você tem sou eu. Só eu, mais ninguém. E tenho a tua liberdade comigo. E quero te dá uma mão. Mas tem uma condição.
- ZÉ - Qual?
- MULHER - Quero tôda a cocaína. Tôda! Quem comanda a venda desta droga em diante sou eu. Eu sou o Sininho. Você é um merda. Quando a polícia terminar a onda de te procurar, então tu some e nunca mais aparece.
- ZÉ - Eu não tenho nenhuma cocaína. Não tenho nada.
- MULHER - Ou você aceita a minha proposta... (OUVE-SE SIRENE QUE CHEGA E PARA. E MAIS OUTRA) Ou você está frito. E não vem com esse papo que não sabe de nada, que não tem pó, que eu não vou na tua onda. Já tou de saco cheio de blá, blá, blá. Tô a fim de livrá a tua cara mas nada de papo furado comigo. Todo o pó nas minhas mão... ou então eu não te escondo, os tira te acha, e aí, meu filho, tás fudido.
- ZÉ - Eu não posso prometer te entregar uma coisa que eu não tenho.
- MULHER - Então nada feito.
- ZÉ - Você pode me esconder mesmo?
- MULHER - Claro pôrra, acha que eu tô aqui batendo queixo a tôda...
- ZÉ - Eu tenho umas terra no interior... terra boa.
- MULHER - Pra que que eu quero terra? Não sou tatú. Quero o pó. O pó. O pó e os enderêço das bôca. Como é que você vai pro interior. Tu não tem dinheiro.



- ZÉ - Quando o meu pai mandar.
- MULHER - Ó pedaço de cavalo burro, eu já não disse que o dinheiro que o teu pai mandou eu gastei pra comprá os teus perfume?
- ZÉ - Você comprou aquilo com o meu dinheiro.
- MULHER - Claro, ou ocê acha que foi com o meu? Não estou aqui para sustentar a tua vadiagem não, meu filho. Foi dinheiro que o teu pai mandou. O porteiro me entregou a carta. Eu olhei dentro, tinha dinheiro, então eu comprei o teu enxoval.
- ZÉ - Me dá a carta.
- MULHER - Não.
- ZÉ - Me dá a carta.
- MULHER - Era dinheiro pra você tirar a sua carteira profissional.
- ZÉ - Me dá a carta.
- MULHER - Com carteira podia provar que é datilógrafo.
- ZÉ - Eu vou te matar, sua filha da puta. Agora quem vai pra puta que pariu é você, sua vaca magra. (ZÉ AVANÇA PARA ELA. ELA RECUA COM MEDO DELE E ELE CONTINUA AVANÇANDO. QUANDO CHEGAM PERTO DA JANELA ELA FALA)
- MULHER - Se der mais um passo eu pulo lá em baixo. Não tenho nada a perder. (ELE PARA DE AVANÇAR) E se eu morrer você está frito. Eu sou a única testemunha que você tem. A única. (RISCA A PAREDE COM AS UNHAS) Um risquinho de minhas unhas na parede. Sinal de violência. A polícia vai examinar o local do crime e vai vai botar a bôca no trombone e dizer que eu lutei pela vida antes de ser jogada aqui de cima. Aí sai no jornal: "Havia sinal de luta de onde foi jogada a linda jovem". Pros jornais, tôda a mulher que morre nessas circunstâncias é sempre linda jovem. Pode ser o maior bagulho que é sempre linda jovem. Aí você tá fudido. Vai ser criminoso duas vêzes. Dois juris. Um pode te botar na rua, mas o outro vai ser fôgo. Vai botá pra quebrá e tu pega uns trinta anos de cana e sai de lá meio torto. (ELA AGORA ESTÁ MAIS SEGURA DE SI) Tu nãoapode me matar, logo agora que tu precisa tanto de mim... Vai me matar só porque eles falsificaram o pó? Eu não tenho culpa. Não tenho culpa. Não tenho culpa que tenham botado talco no lugar do pó. Você tem que compreender isto e me ajudar.
- ZÉ - Eu não posso fazer nada pela senhora. A senhora está me tomando por uma pessoa que não sou eu. Eu não sou Sininho. Não posso fazer nada pela senhora.
- MULHER - E se...
- ZÉ - Não dá, eu sei mas não dá.
- MULHER - Devia dar mas não dá. Eu estou acreditando nas coisas que devia
- ZÉ - É deviam... mas não são...
- MULHER - Então por que me passar pra trás?
- ZÉ - É sim... é. (TELEFONE TOCA. ZÉ CORRE E ATENDE. DÁ SINAL DE OCUPADO. ELE DESLIGA DEPRESSA. OUTRA SIRENE QUE CHEGA E PARA)
- MULHER - (BEM CALMA) Tá, eu vou me mandar. Vou te mandar ficar em paz. Tomara que tudo dê certo e você saia livre. (ELA VAI SAINDO E VOLTANDO) Olha, eu ví que você não matou o cateca. Se precisar de testemunha eu vou ao juri e dou um "blausi" pra limpar a tua barra. (PEGA O PACOTE DE PÓ) Vou fazer aquele puto engolir isto.



(ZÉ OLHA DEMORADAMENTE PARA ELA. OS DOIS FICAM NÊSSE NAMORO DURANTE ALGUM TEMPO. ESTÃO COMPLETAMENTE SEPARADOS UM DO OUTRO)

MULHER - Até.

ZÉ - Até.

(MULHER VAI SAINDO E PÁRA. ACHOU DENTRO DO PACOTE MAIOR OUTRO PACOTE PEQUENO QUE CONTÉM A "VERDADEIRA COCAÍNA". OS DOIS FICAM ESTÁTICOS. ELA OLHA FURIOSA PRA ÊLE. ESTÁ COM UM PACOTE EM CADA MÃO)

MULHER - Então tu não pode fazê nada por mim. (ÊLE ESTÁ MUDO. ELA AVANÇA EM CÂMARA LENTA. O PACOTE DE TALCO VEM DESMANCHANDO NA MÃO DE LA) Estava só esperando eu virar as costas pr'ocê dar o pinote com o pó, não é?

ZÉ - Eu não sei de nada. Não sei o que é isto.

MULHER - Legal! Se você não sabe o que é "isso", "isso" fica pra mim. Eu não sou obrigada a te entregar nada. Tu não se deu a conhecer. Não conheço você, nunca ví na minha vida. Você pra mim é um merda, nada mais. (OLHANDO O PACOTINHO DE "COCAÍNA") Isto já dá pra começar a minha vida. (PÕE O PACOTE NA BÓLSA OU NO BÓLSO E ACHA A CARTA) Ah, a carta do teu pai.

ZÉ - Me dá.

MULHER - Não. Não te conheço. Não sei quem é você. Nunca te ví mais gordo.

ZÉ - Me dá.

MULHER - Não.

(OS TRÊS AGORA SÃO TRÊS ESTÁTUAS. PAUSA ENORME; DURANTE A PAUSA CHEGAM VÁRIAS SIRENES QUE PARAM;. HOMEM COMEÇA A VOLTAR AO NATURAL. DEIXA DE SER ESTÁTUA. DESPERTA COMO PRINCESA DE DESENHO ANIMADO. BEM DEVAGARINHO; ELA COMEÇA, TAMBÉM DEVAGARINHO, A RASGAR A CARTA DO PAI DO ZÉ. ZÉ TAMBÉM DEVAGAR COMEÇA A TENTAR IMPEDIR QUE ELA FAÇA ISTO. AÍ PARAM A CÂMARA LENTA. ELA JOGA O PACOTE DE TALCO NA CARA DÊLE. ÊLE DE GATINHAS VAI CATANDO OS PEDAÇOS DE CARTA ENQUANTO ELA FAZ AQUELE PASTELÃO. ÊLE DE GATINHAS ENCONTRA OS PÉS DO HOMEM)

ZÉ - O senhor, que foi tão bacana comigo, o senhor ouviu que ela é que é a bandida, eu não sou. Fala pra eles.

HOMEM - (ACUSANDO TERRÍVELMENTE) I am, You are, He, she, it is, We are, You are, They are.

ZÉ - (PARA ELA) Você sabe que eu sou inocente. Que eu não sou bandido.

(O TELEFONE TOCA. HOMEM AUMENTA O TOM DE VOZ COMO SE DISSÉSSE AO ZÉ QUE ATENDA. SEMPRE CONJUGANDO O INDICATIVO PRESENTE DO VERBO TO BE. ZÉ NÃO ATENDE. CHEGA OUTRA SIRENE E MAIS OUTRA. O TELEFONE INSISTE. ZÉ CORRE E ATENDE. O RUÍDO DE OCUPADO AGORA ESTÁ ALTÍSSIMO. CHEGA OUTRA SIRENE. ÊLE DEIXA O FONE FORA DO GANCHO E CORRE PRA JANELA. ATÉ O FINAL DA PEÇA O TELEFONE VAI FICAR DANDO O SINAL DE OCUPADO. CONTINUAM CHEGANDO SIRENES. O APARATO É PRA PEGAR O BANDIDO MAIS PERIGOS O DO MUNDO. OS MEGAFONES GRITAM COISAS QUE NINGUÉM ENTENDE. A NÃO SER A PALAVRA SININHO. O RUÍDO AGORA ESTÁ ENSURDECEDOR. O TELEFONE DANDO ALTÍSSIMO O SINAL DE OCUPADO, OS MEGAFONES E AS SIRENES NÃO PARANDO DE CHEGAR)

MULHER - Só você tem a glória de ter a polícia inteira atrás de você. Vamos, Sininho. Chegou a hora de você mostrar quem é você. Passa esta turma na cara e morre como um herói.

ZÉ - O prédio está cercado. Vamos pra casa da tua amiga?

He, she, it is, We are, You are, They are.

...AL. OS MEGAFONES BERRAM. AS SIRENES CHEGAM. ELA BERR
...ANTE DO VERBO TO BE. O TELEFONE DA SINAL DE OCUPADO) O
MEM E A MULHER, VISIVELMENTE ALIADOS, SAEM DE MAOS DADAS)

- (TENTANDO SEGURÁ+LA, LUTA COM O HOMEM) Ela é minha testemunha.
Não fuja com ela. (LUTAM UM POUQUINHO E OS DOIS FOGEM)

ZÉ APAGA A LUZ. VÊ-SE AGORA OS REFLETORES QUE LAMBEM A JANELA TÔDA A HORA,
ILUMINANDO O CENÁRIO DE FORA PRA DENTRO. ZÉ ESTÁ EM TOTAL DESESPÊRO. SOBE
NA JANELA E GRITA:)

ZÉ - Eu não sou Sininho. Não sou bandido. Não matei ninguém. Não sou
um merda. (E SE ATIRA LÁ DE CIMA).

F I M

